



Esquema [X de]_{connect} em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso

Ivo da Costa do Rosário

Professor Associado da Universidade Federal Fluminense

Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq

Jovem Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1315-6787>

ivorosario@id.uff.br

RESUMO

À luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016), este artigo tem como objetivo geral postular a existência de uma ampla rede construcional associada ao esquema [X de]_{connect} em língua portuguesa. A hipótese central é que esse esquema abriga pelo menos dois subesquemas aos quais estão ligadas diversas microconstruções conectoras responsáveis pela combinação de orações hipotáticas não finitas em língua portuguesa. Este estudo, marcadamente de viés teórico, adota uma metodologia de cunho qualitativo. Os resultados aferidos comprovam que instanciações do esquema [X de]_{connect} distanciam-se dos seus usos prepositivos canônicos e passam a figurar no domínio da conexão interoracional.

PALAVRAS-CHAVE: Rede [X de]_{connect}; Combinação de orações; Microconstruções conectoras.

[X de]_{connect} scheme in portuguese: a Usage-Based Functional Linguistics analysis

ABSTRACT

Under the perspective of the Usage-Based Functional Linguistics (cf. FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016), this article aims to postulate the existence of a broad constructional network associated with the [X de]_{connect} schema in Portuguese. The central hypothesis is that this schema contains at least two subschemas to which several connecting microconstructions responsible for the combination of non-finite hypotactic clauses in Portuguese are linked. This study, notably from a theoretical approach, adopts a qualitative methodology. The checked results prove that instantiations of the [X de]_{connect} schema distance themselves from its prepositive canonical uses and start to figure in the domain of interclause connection.

KEYWORDS: [X de]_{connect} network; Clause combining; Connecting microconstructions.



1. Considerações iniciais

O estudo da gênese e dos usos dos conectores em língua portuguesa constitui um ponto de forte interesse dos linguistas. Dentre importantes trabalhos na área, podemos citar, por exemplo, Barreto (1999), que rastreou a gramaticalização de conjunções em toda história da língua portuguesa; Lima-Hernandes (2010), que investigou os processos sociocognitivos de mudança gramatical das estruturas X-que do português; e Neves (2000), em estudo que inventariou diversos elementos responsáveis pela junção de porções do discurso.

Por outro lado, ainda são muito escassos os trabalhos que investigam empiricamente os conectores instanciados pela partícula *de*, como *antes de*, *depois de*, *em vez de*, *em prol de* etc. Vejamos algumas ocorrências¹ de língua em uso, instanciadas por exemplares desses conectores:

(01) [*Antes de* tomar o rumo da serra ou do litoral], outra opção é a APA São Francisco Xavier, no distrito do município de São José dos Campos.²

(02) Os bandidos entraram na residência [*depois de* arrombar a janela de um dos quartos da casa], inclusive quebrando um cadeado. Ela é uma pessoa muito doce com todos, não fala.³

(03) O atletico sempre teve fama de ter uma organização e estrutura exemplar. Então, o Corinthians devia melhorar a dele [*em vez de* criticar o mensageiro].⁴

(04) Esperamos que a atuação rápida do Ministério Público proporcione resposta rápida ao pedido feito pelo presidente (...) [*em prol de* preservar a paz e o bom desenvolvimento da justiça], diz o texto.⁵

Em (01) e em (02), respectivamente, os conectores *antes de* e *depois de* introduzem orações hipotáticas temporais. Em (03), o conector *em vez de* é responsável por marcar uma oração hipotática substitutiva. Por fim, em (04), *em prol de* marca uma oração hipotática com noção de finalidade. Em comum, todos esses conectores têm uma marca formal: são constituídos por um ou mais *slots* seguido(s) da preposição *de*. Em termos funcionais, esses conectores têm a pro-

¹ Como foi informado no resumo, este artigo é de natureza mormente teórica. Por esse motivo, por questão de espaço disponível para discussão, apresentamos somente algumas ocorrências acompanhadas de breves análises em dimensão qualitativa. Todos os dados usados no texto são extraídos do *Corpus do Português*, disponibilizado no site <http://www.corpusdoportugues.org/>. Trata-se de um grande inventário em versão digitalizada e acessível via internet. Utilizamos a interface NOW, justamente por apresentar uma amostra mais recente da língua portuguesa, que vai de 2012 a 2019. Em todos os dados transcritos, apresentamos o *link* por meio do qual é possível consultar as fontes em sua integralidade.

² Fonte: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/cinco-opcoes-de-passeios-em-sp-para-curtir-frio-e-natureza/>. Acesso em 31/08/2021.

³ Fonte: <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/policia/2019/06/idoso-de-82-anos-e-agredido-por-bandidos-dentro-de-casa-em-cariacica-1014187428.html>. Acesso em 31/08/2021.

⁴ Fonte: <https://www.meutimao.com.br/noticias-do-corinthians/320634/pedro-henrique-compara-estruturas-de-corinthians-e-atletico-e-depois-se-explica-em-rede-social>. Acesso em 31/08/2021.

⁵ Fonte: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,guaido-denuncia-morte-de-militar-acusado-de-planejar-golpe-contra-maduro,70002896475>. Acesso em 31/08/2021.

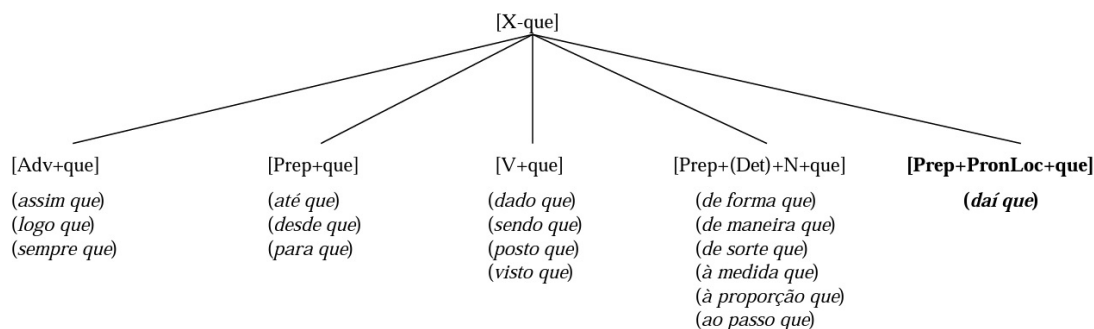
priedade comum de introduzir orações não finitas (ou reduzidas de infinitivo, como são mais conhecidas na Tradição gramatical).

Neste trabalho, definem-se conectores como “marcadores especiais que indicam a natureza das conexões interoracionais” (cf. LANGACKER, 1987, p. 423-424). Na literatura sobre o tema, são elementos tradicionalmente referidos como subordinadores, conjunções ou conjunções subordinativas. Os advérbios que conectam sentenças (tanto finitas quanto não finitas) também estão incluídos nesse rol. Sem dúvida, essa é uma definição longe de ser consensual, mas é a adotada neste trabalho para fins de recorte analítico. Lenker (2010, p. 23) acrescenta os seguintes traços às características dos conectores: não são flexionáveis, não governam caso, estabelecem relação semântica entre duas entidades e ligam proposições. Os conectores indicados de (01) a (04) espelham todas essas características aqui listadas.

No enquadre teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), o surgimento dos conectores normalmente é explicado por meio de *chunkings* e neoanálises⁶ decorrentes da união de advérbios, preposições, verbos e de outras unidades linguísticas à partícula *que*, no que se convencionalizou denominar rede [X que]_{connect}. Esses conectores, por sua vez, passam a atuar majoritariamente na combinação de orações finitas, em uma área mais central dos estudos gramaticais (cf. CEZARIO, SANTOS, SILVA, 2019)

O esquema 1, extraído de Arena (2015, p. 67), ilustra uma parte da rede [X que]_{connect}. Por meio dessa representação, é possível perceber a presença de conectores mais clássicos, como *visto que*, *logo que*, ao lado de outros ainda pouco atestados nas gramáticas do português, como *daí que*.

ESQUEMA 1. Esquema [X-que]_{connect} em língua portuguesa



Fonte: ARENA, 2015, p. 67

Uma análise mais atenta e criteriosa dos múltiplos recursos linguísticos utilizados para a junção de orações permite a detecção de uma série de outros conectores normalmente não contemplados pelas gramáticas normativas e nem mesmo por obras de caráter descritivo⁷, como os ilustrados de (01) a (04). Trata-se de um conjunto de conectores menos prototípicos e em processo de conven-

⁶ Os conceitos de *chunking* e neoanálise serão apresentados em detalhes na próxima seção.

⁷ Devemos frisar que, na verdade, os elementos da rede [X de]_{connect} estão na literatura gramatical em geral. Contudo, comumente esses elementos são tratados como locuções prepositivas ou preposições complexas, o que diverge do nosso ponto de vista analítico. Essa classificação tradicional escamoteia uma função importante desses elementos, que é a de ligar orações (ainda que não finitas).

cionalização, dado o seu caráter mais marginal. Neste trabalho, propomos que esses conectores sejam abrigados na rede $[X \text{ de}]_{\text{conect}}$, alimentada pelos mesmos processos cognitivo-funcionais aferidos na constituição da rede $[X \text{ que}]_{\text{conect}}$, como será explicado em mais detalhes adiante.

Feitas estas considerações iniciais, podemos partir para a apresentação de alguns conceitos que pertencem ao arcabouço teórico da LFCU, que dá sustentação a este artigo. Em seguida, teremos a oportunidade de discutir a existência e as propriedades da rede $[X \text{ de}]_{\text{conect}}$ em mais detalhes.

2. Arcabouço teórico

A LFCU (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013) pode ser considerada como uma nova fase das pesquisas funcionalistas, em que se agrega o conhecimento acumulado pela Gramática de Construções Baseada no Uso a todo suporte teórico da vertente norte-americana da Linguística Funcional, com contribuições da Linguística Cognitiva.

A conjugação desses pressupostos tem sido muito profícua nos diversos estudos empreendidos pelos pesquisadores funcionalistas (ARENA, 2015; OLIVEIRA, 2016; ROSÁRIO, 2012, 2017, 2018a, 2018b), na interface das investigações do polo da forma e do significado das construções. Adotamos esse instrumental teórico também neste estudo dos conectores da rede $[X \text{ de}]_{\text{conect}}$, tendo em vista a sua adequação à investigação científica com base na realidade empírica das línguas humanas.

Na LFCU, assumimos o que se denomina *abordagem construcional da gramática*. Nessa perspectiva, consideramos que toda língua é formada por um grande inventário de pareamentos simbólicos de forma e significado. Há um relativo consenso de que as construções abarcam desde morfemas até instâncias mais complexas, como padrões sintáticos, gêneros e sequências tipológicas. Esses pareamentos simbólicos estruturam-se em um modelo de rede, por meio de nós e *links* (cf. GOLDBERG, 1995, 2006; HILPERT, 2014). Esses nós, por sua vez, organizam--se por meio de ligações horizontais e verticais (DIESEL, 2017).

Segundo a abordagem construcional, não há divisão estrita entre léxico e gramática, a língua é vista como um sistema adaptativo complexo (BYBEE, 2010) e está interligada a processos cognitivos de domínio geral. De fato, todo conhecimento linguístico é derivado de nossas experiências sensório-motoras com o mundo. Em síntese, há um espelhamento entre estrutura das línguas e estruturas conceituais.

As construções podem ser organizadas em diferentes dimensões:

QUADRO 1. Dimensões da construção

Tamanho	Atômica <i>café, -s (pl)</i>	Complexa <i>sei lá, por isso</i>	Intermediária <i>pós-graduação</i>
Especificidade fonológica	Substantiva <i>café, -eiro</i>	Esquemática <i>SV, Sprep</i>	Intermediária <i>Adj -mente</i>
Conceptualização	Conteudista <i>café, SV</i>	Procedural <i>-s (pl), por isso</i>	Intermediária <i>poder (modal)</i>

Fonte: ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 240, com base em TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013, p. 13

Conforme indica o quadro anterior, quanto ao tamanho, as construções podem ser atômicas (formadas por um único elemento), complexas (formadas por mais de um elemento) ou intermediárias (formadas por palavras compostas, por exemplo). No que concerne à especificidade fonológica, há construções substantivas (preenchidas), esquemáticas (com *slots* abertos) ou intermediárias (com partes preenchidas e partes abertas ao mesmo tempo). Por fim, quanto à conceptualização, as construções podem ser conteudistas (mais ligadas ao plano do léxico), procedurais (mais ligadas ao plano da gramática) ou intermediárias (em um nível mediano do *continuum* léxico-gramática).

Assim, em perspectiva construcional, podemos afirmar que *antes de*, *depois de*, *em vez de*, *em prol de* etc., com função de conectores interoracionais, podem ser classificados como construções complexas (pois são formadas por mais de um elemento), substantivas (pois são totalmente preenchidas) e procedurais (pela sua função eminentemente gramatical).

As pesquisas em Gramática de Construções têm sido cada vez mais frequentes nas línguas românicas (BOAS e GONZÁLEZ-GARCÍA, 2014). No Brasil, há vasto número de trabalhos já realizados nessa perspectiva, sempre desenvolvida a partir de uma visão dinâmica e plástica do sistema linguístico, como pode ser verificado em Cezario, Santos e Silva (2015), Fernandes (2017), Gervásio (2016) e em tantos outros trabalhos desenvolvidos no país.

Na análise construcional, três fatores são de especial importância: esquematicidade, produtividade e composicionalidade (cf. TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). A esquematicidade diz respeito ao nível de abstração das construções, tendo em vista que esses pareamentos simbólicos podem ser bastante abstratos ou bastante específicos (além de diversos pontos intermediários). Essa organização esquemática das construções tem sido representada por meio de uma hierarquia comumente composta de três níveis: esquema > subesquema > microconstrução. Os constructos, por sua vez, são os *tokens* ou dados empiricamente comprovados no uso. A produtividade diz respeito à extensibilidade da construção, associada a sanções e restrições. O levantamento de frequência *type* e *token* também é importante nesse aspecto. Por fim, a composicionalidade diz respeito ao grau de transparência entre forma e significado das construções. Pode ser de natureza sintática ou semântica.

Outro conceito fundamental na pesquisa é *chunking*, alçado por Bybee (2010, p. 33) ao *status* de habilidade cognitiva de domínio geral. Refere-se à capacidade humana de construir estruturas recursivamente, propiciando um aumento de integração entre as partes. Os *chunks*, por sua vez, são unidades de organização da memória. Na formação dos conectores complexos, comumente ocorre *chunking*, tendo em vista que elementos antes dissociados e com autonomia sintático-semântica passam a ser embalados, de modo progressivo, como unidades linguísticas dotadas de nova forma e de novo significado.

No processo de criação de novos conectores, Heine e Kuteva (2007, p. 210) destacam o papel das recategorizações, no sentido de que os falantes normalmente recrutam velhas formas para novas funções. Com isso, o estado sincrônico das línguas pode ser visto como “o produto congelado de processos cognitivos e comunicativos ocorridos no passado”, com formas antigas desempenhando novos papéis na gramática.

De acordo com Traugott e Dasher (2005) e González-Cruz (2007, p. 147), os significados tendem a se basear cada vez mais nas crenças subjetivas dos falantes. Com o tempo, falantes e escreventes desenvolvem significados para os diversos elementos linguísticos que codificam ou externalizam as suas perspectivas e atitudes. A esse processo semasiológico, os autores denominam subjetificação (cf. TRAUGOTT e DASHER, 2005). Trata-se de uma espécie de interpretação enriquecida, em que significados novos passam a conviver com significados mais antigos. Para sermos mais precisos, nem sempre há polissemia, mas ambiguidade pragmática, tendo em vista a não convencionalização do novo significado, que, em certas situações, ainda é muito contextualmente dependente.

Tanto as recategorizações (no plano formal) quanto as semanticizações e inferências sugeridas (no plano funcional) moldam a arquitetura construcional das línguas, provocando expansões de diversas naturezas. Nesse sentido, é válida a proposta de Himmelmann (2004) para a investigação da rede $[X \text{ de}]_{\text{connect}}$. Seus postulados são muito úteis à abordagem construcional da gramática. Segundo o autor, há três tipos de mudança/expansão (cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 238):

mudança da classe hospedeira, com a ampliação paradigmática de membros de uma dada categoria, face à entrada de novo membro na classe; b) mudança de contexto sintático, envolvendo metonimização, com rearranjo na ordem dos constituintes internos e consequente formação de uma nova sintaxe regular de expressão; c) mudança de contexto semântico-pragmático, considerada por Himmelmann (2004) como a mais importante, uma vez que envolve desbotamento de sentido, com ressemantização e uso anafórico associativo.

Outro conceito bastante relevante é o de gradiência (cf. BYBEE, 2010). De acordo com Aarts et al. (2004), Aarts (2007) e Goethem (2017, p. 34), a gradiência sincrônica reflete a gradualidade diacrônica. Nesse sentido, as construções não podem ser consideradas entidades monolíticas. Ao contrário, a variação (decorrente da gradiência) está sempre presente. A gradiência pode se dar entre membros de uma mesma categoria, em que uns são mais prototípicos que outros (gradiência subsectiva ou intracategorial), ou pode ser atestada ainda por meio de fronteiras difusas entre categorias distintas (gradiência intersectiva ou intercategoria). Vejamos mais dois dados do conector *antes de*:

(05) [*Antes de* ser apresentadora na TV], Daniella brilhou muito nas passarelas. À época, ela era comparada com Gisele Bündchen.⁸

(06) O Instagram é meu e não vou fazer média com ninguém. [*Antes de* ser artista], sou um ser humano e não abro mão disso! Graças a Deus sou dono do meu destino.⁹

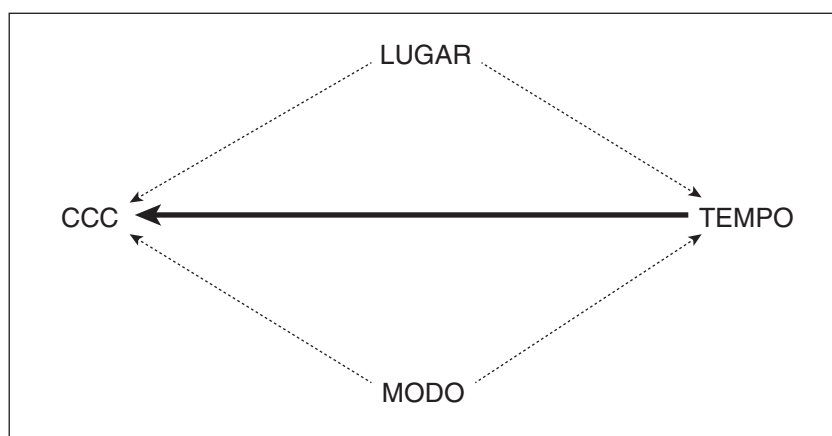
⁸ Fonte: <https://gente.ig.com.br/fofocas-famosos/2019-06-26/vida-de-riqueza-e-glamour-saiba-aonde-estao-os-vjs-da-mtv.html>. Acesso em 31/08/2021.

⁹ Fonte: http://revista.cifras.com.br/noticia/zeze-di-camargo-chama-wesley-safadao-de-emergente-ja-passei-por-isso_11726. Acesso em 31/08/2021.

Nos dados (05) e (06), a oração hipotática temporal não finita é introduzida pelo conector *antes de*. Contudo, no dado (06), há uma inferência de contraste, tendo em vista que “antes de ser artista” não designa necessariamente uma ideia ou fato cronologicamente anterior a outra ideia ou fato, mas indica ordem de importância. Na visão do falante, considerar-se um ser humano é mais importante do que considerar-se artista. Essa diferença gera um contraste entre os dois pontos salientados pelo falante. Logo, entre os usos de *antes de*, ilustrados por meio de (05) e (06), pode ser ilustrada a gradiência subiectiva ou intracategorial.

Essa derivação foi amplamente estudada por Kortmann (1997, p. 117). É o que ocorre também com relação a *agora*, *enquanto*, *quando* e outros elementos linguísticos originalmente temporais recrutados para a expressão de contraste. Por meio da figura 1, o pesquisador ilustra como o tempo alimenta as relações CCC (causa, condição, contraste), que são noções mais abstratas que as ideias de lugar, tempo e modo. Deve-se destacar que a linha mais espessa indica justamente um canal mais comum de derivação, qual seja, a relação do tipo tempo > CCC:

FIGURA 1. Espaço semântico interoracional



Fonte: KORTMANN, 1997, p. 117, tradução do autor

De modo mais preciso, à luz de Sweetser (1990), não há propriamente dois significados distintos entre os usos de *antes de* em (05) e (06), mas uma situação de ambiguidade pragmática, proporcionada por inferências presentes em (06). O maior nível de subjetificação, com forte projeção do falante sobre o discurso, colabora para que *antes de* espelhe esse efeito de sentido contrastivo, de cunho acentuadamente contextual. Nos termos de Himmelmann (2004), podemos falar também em uma expansão semântico-pragmática, considerando que tempo é comumente tomado como fonte para a ideia de contraste.

As expansões ocorrem por meio de mecanismos e processos diversos. Um destaque muito importante deve ser dado aos processos de *neoanálise* e *analogia*. Enquanto a analogia opera no nível paradigmático, a neoanálise ocorre no nível sintagmático (cf. TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014; GOETHEM, 2017). Comumente a neoanálise é apresentada como um mecanismo formador de conectores, ao reorganizar a estrutura sintagmática dos elementos linguísticos. Envolve expansão contextual e extensão gradiente em micropassos, podendo ser de natureza sintática ou semântica. É a neoanálise, por exemplo, que permite uma nova interpreta-

ção para *antes de*, não mais visto como advérbio (*antes*) + preposição (*de*) em justaposição, mas como conector hipotático temporal (*antes de*), com nova forma e novo significado.

Por outro lado, na perspectiva da abordagem construcional, também a analogia tem papel preponderante na formação de microconstruções do esquema $[X \text{ de}]_{\text{conect}}$, uma vez que novos conectores podem ser formados a partir de um movimento *top-down*, ou seja, do nível mais esquemático para o nível mais baixo da hierarquia construcional. Em outras palavras, o esquema em si funciona como um modelo atrator que, por sua vez, serve de modelo para a formação de outras unidades linguísticas.

Na próxima seção, vejamos o esquema $[X \text{ de}]_{\text{conect}}$ propriamente dito e suas características principais.

3. Caracterização da rede $[X \text{ de}]_{\text{conect}}$

Os conectores da rede $[X \text{ de}]_{\text{conect}}$ são de difícil caracterização, tendo em vista suas fronteiras muito fluidas em relação a outras categorias gramaticais, como a dos advérbios e das preposições (cf. LUCERO, 1999). Aliás, deve ser ressaltado que a delimitação entre essas categorias tem sido objeto de muitas discussões, haja vista especialmente a fluidez categorial entre preposições e conjunções subordinativas, já que ambas estabelecem relações hierárquicas entre um elemento A subordinante e um elemento B subordinado.

Até mesmo em propostas mais modernas, *antes de*, *depois de*, *em vez de*, *em prol de* etc têm sido normalmente classificados como preposições complexas ou como locuções prepositivas, devido à sua equivalência funcional com as preposições simples¹⁰ (cf. ALMEIDA, SOUZA e KEWITZ, 2018). Entretanto, neste trabalho, adotamos uma visão um pouco distinta.

Deve ser destacado que, sem dúvida, as preposições também têm valor conector, já que participam do domínio da conexão, ligando elementos linguísticos. Contudo, a defesa de uma função conectora (como um rótulo distinto da função prepositiva) pretende revelar, com maior clareza, o papel das microconstruções associadas ao esquema $[X \text{ de}]_{\text{conect}}$, na função de ligar orações hipotáticas não finitas. A função prepositiva, por sua vez, restringe-se aos casos em que há ligação de constituintes em nível inferior ao da oração. Vale ressaltar que essa distinção é coerente com a definição adotada neste artigo para o termo *conector*: “marcador especial que indica a natureza das conexões interoracionais” (cf. LANGACKER, 1987, p. 423-424, grifo nosso).

É verdade que alguns desses elementos da rede $[X \text{ de}]_{\text{conect}}$ já contam com *status* conjuncional em algumas gramáticas, como *apesar de*, no rol das concessivas (cf. CUNHA e CINTRA, 2001; BECHARA, 1999). Deve-se destacar, contudo, que essa é uma idiossincrasia, visto que poucos conectores instanciados pela preposição *de* estão incluídos entre as conjunções prototípicas.

¹⁰ Essa também é a opção de Câmara Jr. (1979, p. 182) ao abordar esse tema. O autor propõe três padrões morfológicos de formação de “perífrases preposicionais ou locuções prepositivas”, sendo dois deles coincidentes com o que discutimos neste artigo: *Adv + Prep* e *Prep + Nome + Prep*. Entretanto, vale frisar que Câmara Jr. (1979) não faz nenhuma referência ao papel desses elementos no campo das relações interoracionais, que é o foco deste artigo.

Gramáticas mais modernas tendem a apresentar um tratamento assistemático do tema. Por exemplo, Lobo (1999) lista as conjunções *antes de*, *depois de* (temporais), *apesar de* (concessiva), *no caso de*, *na condição de* (condicionais), *em vez de* (substitutiva) e *para além de* (acrescentativa). Entretanto, a apresentação do tema está diluída no contexto da subordinação adverbial sem qualquer referência a uma visão mais orgânica do assunto ou às propriedades que permitem agregar esses conectores em um mesmo conjunto.

Hopper e Traugott (2003, p. 178), Heine e Kuteva (2007, p. 221), Goethem (2017, p. 34) e outros, sob o escopo dos estudos em gramaticalização, revelam que a recategorização de preposições em conectores oracionais faz parte de uma dinâmica natural nas línguas. Essas recategorizações ocorrem devido à (inter)subjektivização (cf. TRAUGOTT; DASHER, 2005), ou seja, o desejo de os falantes serem cada vez mais expressivos. Em perspectiva construcional, Croft (2001, p. 344) também reforça esse paradigma e frisa a importância do canal preposição → conector subordinativo na trajetória das línguas humanas.

Em nossa perspectiva, em recorte sincrônico, defendemos, de modo mais preciso, que os conectores da rede [X de]_{connect} espelham uma relação de gradiência intersectiva entre a categoria das preposições e a categoria das conjunções. Isso significa que os conectores da rede [X de]_{connect} são híbridos, o que é comprovado, inclusive, pelo fato de esses elementos só ligarem orações não finitas, que também são entidades de caráter híbrido, haja vista sua natureza verbo--nominal.

Na literatura, de forma geral, os conectores aqui estudados raramente são apresentados em sua função de ligar orações. Dessa forma, fica sempre realçado o seu caráter prepositivo, ligando palavras e sintagmas não oracionais. Contudo, isso é um reducionismo, já que os dados comprovam o uso dos conectores da rede [X de]_{connect} estabelecendo relações entre orações.

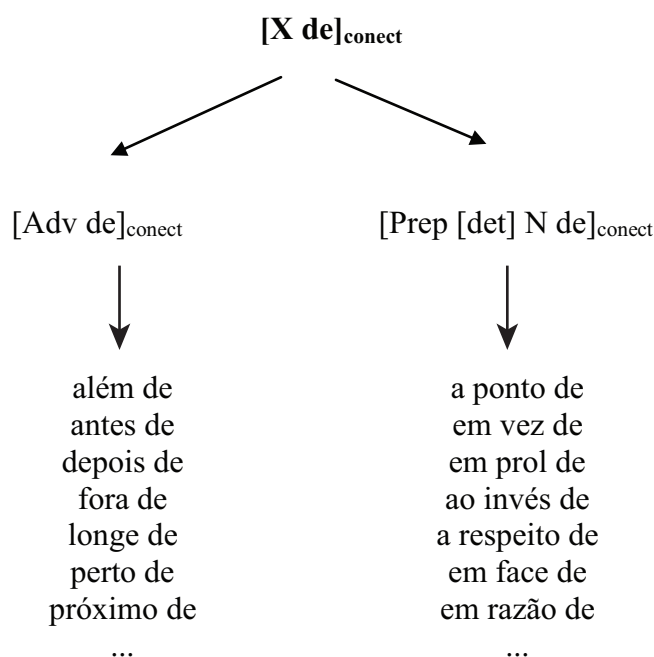
Outra dificuldade apresentada é a própria natureza do infinitivo, visto como destituído de propriedades verbais. Defendemos que o infinitivo deve ser explorado em um *continuum* de finitude, como nos apresentam Lehmann (1985, p. 213) e Givón (1993, p. 289-290). Segundo este último autor, o que se compreende por infinitivo varia desde uma nominalização lexical (como é o caso do infinitivo em posição nuclear do sintagma) até uma forma verbal com marcas flexionais (como é o caso do infinitivo pessoal no português). Nos dados que analisamos, o infinitivo sempre tem caráter [+ verbal], dada sua funcionalidade de expressar eventos.

Na perspectiva de Langacker (1987), as entidades linguísticas são distribuídas entre COISAS e RELAÇÕES. As coisas são dotadas de substantividade. As relações, por sua vez, são caracterizadas por forças dinâmicas. *Grosso modo*, *coisas* são substantivos e *relações* são verbos. Segundo o autor, o infinitivo está associado ao domínio das relações. Não são processos (como os verbos canônicos dotados de modo, tempo, número e pessoa), mas ainda assim designam cenas complexas. Logo, não equivalem aos nomes.

Em outro momento, Langacker (1987, p. 441) distingue as orações finitas das não finitas, respectivamente, como *proposições* e *ocorrências*. As ocorrências, por sua vez, são eventos ou situações, e não propriamente coisas. Essa perspectiva do autor reforça o caráter verbal (ainda que não prototípico) do infinitivo e corrobora a nossa defesa. Consequentemente, as microconstruções conectoras do esquema [X de]_{connect} não ligam elementos simples (ou “coisas”), o que seria típico das preposições, mas orações não finitas.

Feitas todas essas importantes observações sobre a rede $[X \text{ de}]_{\text{conect}}$, o que ilustra sua alta complexidade, já podemos apresentá-la em termos esquemáticos. Reiteramos que a característica central desse esquema é combinar orações não finitas, especialmente as orações conhecidas como subordinadas adverbiais (ou hipotáticas) infinitivas. Essa rede pode ser apresentada parcialmente como segue:

ESQUEMA 2. Rede dos conectores $[X \text{ de}]$ em língua portuguesa



Fonte: Produzido pelo autor

Associados ao esquema $[X \text{ de}]_{\text{conect}}$, podemos postular a existência de dois subesquemas: $[Adv \text{ de}]_{\text{conect}}$ e $[Prep [\text{det}] N \text{ de}]_{\text{conect}}$. Cada subesquema, por sua vez, abriga uma série de microconstruções conectoras, como *além de*, *antes de*, *depois de*, *a ponto de*, *em vez de*, *em prol de* etc. Neste artigo, os dados (01), (02), (05) e (06) ilustram o primeiro subesquema; os dados (03) e (04) ilustram o segundo.

É preciso destacar que esse rol de microconstruções conectoras não é exaustivo, o que é indicado pelas reticências ao final de cada lista. De fato, no caso da rede $[X \text{ de}]_{\text{conect}}$, é provável que haja muitos outros conectores e até outros subesquemas em uso na língua portuguesa.

Em comum, todas essas microconstruções ainda exibem certo grau de composicionalidade, de modo que a carga adverbial e a carga nominal, respectivamente do primeiro e do segundo elementos nucleares de cada subesquema, ainda são parcialmente preservadas. É possível que os diferentes níveis de composicionalidade dos conectores atestados no esquema $[X \text{ de}]_{\text{conect}}$ possam ser reflexos de contextos atípicos e críticos¹¹ (cf. DIEWALD e SMIRNOVA, 2012), visto

¹¹ Tomamos esse ponto como hipótese, pois somente uma investigação de cunho diacrônico poderia atestar a atipicidade e criticidade desses contextos de uso. É verdade que há evidências históricas, em diferentes línguas, de que essa é uma rota comum de mudança, geradora de novos conectivos na língua. Contudo, como este trabalho é de cunho eminentemente sincrônico, decidimos agir com parcimônia neste ponto.

que as recategorizações procedurais tendem a ser graduais, não automáticas, contextualmente dependentes e direcionais (cf. GOETHEM, 2017, p. 36-38). Assim, esses conectores ainda estariam em processo de convencionalização na língua, o que não os credenciaria ainda ao rótulo de conjunções, que são conectores mais estabilizados. O próprio fato de ligarem somente orações não finitas e sua analisabilidade reforçam essa perspectiva. Por outro lado, não é acertado asseverar que esses conectores sejam totalmente composicionais, haja vista seu papel funcional semelhante ao das conjunções hipotáticas do português.

A título de ilustração, vamos analisar mais alguns dados, para que conheçamos o comportamento de uma das microconstruções do subesquema [Adv de]_{connect}¹², no caso, o conector *depois de*:

(07) E *depois do* manto de neve, há um vulcão em erupção para “aquecer” a ilha mais famosa dos videogames, além de outras novidades entre armas, skins e recompensas.¹³

(08) Quero voltar a competir, inclusive na Mit Cup. Até porque logo alguém vai passar meus títulos, afirmou. Estou voltando *depois de* oito anos. A Triton Sport R é uma delícia.¹⁴

(09) Segundo os bombeiros, o praticante de paraglider, que aparenta ter 35 anos, caiu [minutos *depois*] *de* saltar do Morro do Maluf, em Guarujá. Para o resgate, as equipes dos bombeiros tiveram que adentrar em área de mata.¹⁵

(10) De acordo com a reportagem, Pinheiro apresentou a versão que acabou incriminando o ex-presidente em abril de 2017, [mais de um ano *depois*] *de* começar a negociar com a Lava Jato.¹⁶

(11) *Depois de* participar das manifestações pró-Bolsonaro do dia 26 de maio para trolar os bolsonaristas, a youtuber Mariana Motta, do Canal Púrpura, esteve no protesto deste domingo (30/6) com uma faixa escrito “Cadê o Queiroz?”¹⁷

Os dados de (07) a (11) espelham claramente variados usos de *depois de* no português atual. Esses diversos usos espelham uma situação de gradiência intersectiva, em que há usos prototipicamente prepositivos de um lado e usos prototipicamente conectores de outro, além de

¹² Por uma questão de espaço disponível, não vamos explorar o segundo subesquema nem outras microconstruções do esquema [Adv de]_{connect}. Por outro lado, os dados anteriormente apresentados cumprem o papel de ilustrar seus usos no português.

¹³ Fonte: <https://www.sabado.pt/portugal/detalhe/altice-menos-de-um-milhar-va-ter-parecer-positivo-em-programa-de-sai-das-voluntarias>. Acesso em 31/08/2021.

¹⁴ Fonte: <https://www.grandepremio.com.br/mitsubishi-motors/noticias/indaiatuba-recebe-mitsubishi-cup-para-etapa-longa-e-repleta-de-desafios>. Acesso em 31/08/2021.

¹⁵ Fonte: <https://www.atribuna.com.br/cidades/guaruja/homem-cai-de-parapente-minutos-ap%C3%B3s-saltar-do-morro-do-maluf-em-guaruj%C3%A1-1.57774>. Acesso em 31/08/2021.

¹⁶ Fonte: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/lava-jato-duvidou-de-empregado-que-incriminou-lula-apontam-mensagens,d30d6e4f2cef27cd499c74821aab377cwoxw7fr8.html>. Acesso em: 31/08/2021.

¹⁷ Fonte: <https://revistaforum.com.br/barbie-fascista-vai-ao-ato-pro-moro-na-avenida-paulista-com-faixa-cade-o-queiroz/>. Acesso em 31/08/2021.

situações híbridas. Essa gradiência é naturalmente acompanhada de diferentes níveis de composicionalidade sintático-semântica, como vamos comentar a partir deste momento.

Em (07) e (08), consideramos *depois de* como um exemplar canônico de função prepositiva. Como se verifica, em (07), essa locução é utilizada para indicar localização espacial de um referente em um contexto não oracional. *Depois de* localiza “um vulcão em erupção” em um espaço físico concreto, no caso, em uma região um pouco distante do “manto de neve”. Em (08), por sua vez, “depois de oito anos” designa um marco temporal. Como nos indica a hipótese localista (TRAUGOTT e HEINE, 1991; BAROTÊO, 2000), usamos referentes concretos como base para a expressão de conceitos mais abstratos. Assim, *depois de*, utilizado para enquadrar uma cena espacial em (07), serve como base para uma marcação temporal em (08). Nenhum dos dois usos de *depois de* aqui descritos pertencem ao esquema [X de]_{connect}, já que não ligam orações.

Em (09) e (10), *depois de* é utilizado em contexto oracional, visto que vem acompanhado de formas infinitivas do verbo, respectivamente “saltar” e “começar”. Logo, são usos distintos dos dados anteriormente apresentados. Contudo, em ambos os casos, *depois de* é usado de modo vinculado a partículas de valor temporal situadas à esquerda. Assim, em (09), temos “minutos depois” e, em (10), temos “mais de um ano depois”, como especificações mais refinadas da carga temporal do advérbio “depois”.

A integração percebida nessas expressões (“minutos depois” e “mais de um ano depois”) faz com que a preposição *de* ainda não esteja plenamente vinculada ao advérbio *depois*. Nesse sentido, os colchetes indicam uma fronteira morfossintática entre “depois”, mais ligado ao elemento precedente, e a preposição “de” à sua direita. Em outras palavras, nesses dados (09) e (10), não se verifica o fenômeno de *chunking*, já que “depois” e “de” são composicionais tanto em termos sintáticos quanto semânticos, com suas duas partes bastante preservadas¹⁸. Em (09), por exemplo, não seria possível a inversão da oração com um suposto *chunk* “depois de”, visto que a paráfrase seria “Depois de saltar do Morro do Maluf, em Guarujá, o praticante de paraplanagem caiu minutos”. Essa impossibilidade de paráfrase demonstra claramente a falta de vinculação entre “depois” e “de”.

Por fim, em (11), temos um legítimo exemplar da microconstrução conectora *depois de*. Podemos advogar que os dois elementos componentes perdem composicionalidade (apesar de ainda ser possível recuperar o sentido das partes), haja vista sua maior integração no plano sintagmático. Nesse dado, *depois de* comporta-se como um conector responsável por indicar uma hipotaxe temporal, visto que está desvinculado de partículas à esquerda, integra uma sequência oracional com verbo infinitivo e introduz uma oração que exhibe mobilidade posicional, o que é um forte traço das orações hipotáticas.

Com base na análise qualitativa desses dados apresentados, podemos perceber os deslizamentos metafóricos (de usos mais concretos ligados à localização temporal para usos mais abstratos associados ao campo da integração de orações) e as recategorizações em diferentes usos desses compostos sintagmáticos. Ademais, é possível distinguir funções prepositivas de fun-

¹⁸ A literatura apresenta alguns testes cuja função é medir os níveis de composicionalidade ou “graus de fusão” de expressões complexas. Podemos citar Quirk et al. (2008, p. 671-672), por exemplo. Segundo os autores, há nove traços que ajudam a estabelecer diferentes níveis de gradiência entre as chamadas preposições complexas e as “sequências nominais livres”. Por conta do espaço disponível, essa discussão não foi apresentada neste texto.

ções conectoras que se dispõem em um *continuum* que expressa gradiência construcional (cf. TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014).

O esquema [X de]_{conect}, na sua função de ligar orações não finitas, oferece grandes desafios para sua descrição analítica. Talvez por isso não tenha recebido a devida atenção por parte dos gramáticos e linguistas. Entretanto, como se trata de um esquema produtivo em língua portuguesa, de fato, requer maior atenção dos pesquisadores.

4. Considerações finais

O estudo dos conectores é um ponto central da morfossintaxe. Entretanto, a abordagem teórica tradicional (BECHARA, 1999; CUNHA; CINTRA, 2001) normalmente se restringe às conjunções canônicas derivadas do esquema [X que]_{conect} e às conjunções simples que integram os períodos compostos por coordenação e subordinação.

As pesquisas em andamento demandam uma ampliação do escopo da investigação dos conectores no português, especialmente do esquema [X de]_{conect}, que ainda não contava com nenhum trabalho mais orgânico de análise. De fato, o próprio estudo das orações não finitas é tradicionalmente relegado a um segundo plano, tendo em vista seu caráter mais marginal e seu estatuto pouco consensual entre os pesquisadores.

A investigação aqui proposta, acentuadamente de caráter teórico, permitiu a comprovação da hipótese de que há uma ampla rede construcional associada ao esquema [X de]_{conect}. Essa rede é produtiva e cumpre um papel central na gramática do português, qual seja, a de introduzir orações não finitas com diferentes sentidos. Associados a esse grande esquema, podemos atestar, pelo menos, dois subesquemas: [Adv de]_{conect} e [Prep [det] N de]_{conect}.

As microconstruções conectoras pertencentes ao esquema [X de]_{conect} atuam no domínio da conexão interoracional, o que as afasta de seu papel prepositivo, mormente acentuado pelas gramáticas do português. Essas microconstruções são formadas por *chunkings* e neoanálises no eixo sintagmático. A perda progressiva de composicionalidade vai paulatinamente levando a uma maior fixação das subpartes. No eixo paradigmático, por sua vez, ocorre analogia: o próprio esquema abstrato [X de]_{conect} serve como modelo atrator para novas microconstruções que vão se formando a partir do reaproveitamento de material linguístico já existente, como advérbios e nomes.

Com isso, o domínio da conexão interoracional sofre grande expansão, pois as recategorizações e os deslizamentos semântico-pragmáticos vão provocando rearranjos na língua, o que desencadeia a emergência de diversos novos nós com função conectora. No trânsito das categorias-fonte para as categorias-alvo, atestamos um cenário de acentuada gradiência subsectiva e intersectiva, fruto da gradualidade histórica dos micropassos de mudança.

Como foi informado no início deste trabalho, esta é uma primeira incursão na grande arena da rede [X de]_{conect}, ainda muito preterida por gramáticos e linguistas. Certamente há muitos aspectos ainda a ser investigados, como as diferenças funcionais entre os subesquemas aqui indicados, os diferentes níveis de vinculação entre as microconstruções listadas, os graus de finitude

do infinitivo em português, as características dos nomes e dos advérbios licenciados por essa construção, além de uma série de outras questões ainda em aberto. Contudo, está dada a largada.

FINANCIAMENTO

Este trabalho contou com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio de bolsa de produtividade em pesquisa, nível 2 (Processo nº 309706/2020-3), e com financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), por meio de bolsa concedida pelo Programa Jovem Cientista do Nosso Estado (Edital nº 10/2019).

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq e à FAPERJ, pelo suporte financeiro.

REFERÊNCIAS

- AARTS, Bas. **Syntactic gradience: the nature of grammatical indeterminacy**. Oxford: Oxford University Press. 2007.
- AARTS, Bas; DENISON, David Denison; KEIZER, Evelien; POPOVA, Gergana (Orgs.). **Fuzzy grammar: a reader**. Oxford: Oxford University Press. 2004
- ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão; SOUZA, Janderson Lemos; KEWITZ, Verena. Preposições complexas: moldes e modos. In: TENUTA, Adriana Maria; COELHO, Sueli Maria (Orgs.). **Uma abordagem cognitiva da linguagem**: perspectivas teóricas e descritivas. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2018. p. 157-180.
- ARENA, Ana Beatriz. **Construcionalização do conector “daí que” em perspectiva funcional centrada no uso**. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- BARRETO, Therezinha Maria Mello. **Gramaticalização das conjunções na história do português**. 2v. 1999. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.
- BATORÉO, Hanna. **Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BOAS, Hans C.; GONZÁLVIZ-GARCÍA, Francisco. Applying constructional concepts to Romance languages. In: BOAS, Hans C.; GONZÁLVIZ-GARCÍA, Francisco (Org.) **Romance Perspectives on Construction Grammar**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 2014, p. 1-35



BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press. 2010.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora LTDA, 1979.

CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado. (Orgs). **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ, 2013, p. 12-39.

CEZARIO, Maria Maura; SANTOS, Monique; SILVA, Thiago dos Santos. Formação da construção [XQUE]_{connect} no português. **E-escrita**: Revista do curso de Letras da UNIABEU. v. 6, n. 3, p. 229-243, set./dez. 2015. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/1995>.

CROFT, William. 2001. **Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DIESEL, Holger. Usage-based Linguistics. In: ARONOFF, Mark (Org.). **Oxford Research Encyclopedia of Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2017, p. 1-26.

DIEWALD, Gabriele; SMIRNOVA, Elena. "Paradigmatic integration": the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, Kristin. et al. (Orgs.). **Grammaticalization and language change: new reflections**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012, p.111-131.

FERNANDES, Thaís Pedretti Lofeudo. **Construções correlatas proporcionais sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ, 2017.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado. (Orgs). **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ, 2013, p. 12-39.

GERVÁSIO, Tharlles Lopes. **A construção correlata aditiva nos séculos XIX e XX: uma proposta de análise centrada no uso**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ, 2016.

GIVÓN, Talmy. Inter-clausal connections and discourse coherence. In: GIVÓN, Talmy. **English Grammar: a function-based introduction**. vol. 1. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia. 1993.

GOETHEM, Kristel. Lexical categories and processes of category change. Perspectives for a constructionist approach. In: **Zeitschrift für Wortbildung** / Journal of Word Formation, vol. 1, 2017, nº 2, p. 31-61.

GOLDBERG, Adele. **Constructions: a construction approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

GONZÁLEZ-CRUZ, Ana. On the subjectification of adverbial clause connectives. In: LENKER, Ursula; MEURMAN-SOLIN, Anneli (Orgs.). **Connectives in the History of English**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 2007, p. 145-166



- HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. **The genesis of grammar: a reconstruction**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- HILMELMANN, Nikolaus. Lexicalization and grammaticalization: oppositive or orthogonal? *In*: BISANG, Walter. et al. (Orgs.). **What makes grammaticalization?** Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 21-42.
- HILPERT, Martin. **Construction Grammar and its Application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- KORTMANN, Bernd. **Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators bases on European languages**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.
- LANGACKER, Ronald W. **Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical prerequisites**. vol. 1. Stanford University Press, Stanford – California, 1987.
- LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. *In*: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra A. **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1985.
- LENKER, Ursula. **Argument and rhetoric: adverbial connectors in the History of English**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2010.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia. **Processos sociocognitivos da mudança gramatical: estruturas X-que do português**. Tese de Livre-docência – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- LOBO, Maria. Subordinação adverbial. *In*: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Orgs.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. Espasa: Madrid, 1999 p. 1981-2057.
- LUCERO, M^a Victoria Pavón. Clases de partículas: preposición, conjunción y adverbio. *In*: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Orgs.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. Espasa: Madrid, 1999, p. 565-656.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: UNESP, 2000.
- OLIVEIRA, Jovana Maurício Acosta. 2016. **Análise funcional das construções correlatas alternativas**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, UFF, Niterói – RJ.
- QUIRK, Randolph et al. **A comprehensive grammar of the English language**. London and New York: Longman, 2008.
- ROSÁRIO, Ivo da Costa. Construções correlatas aditivas e disjuntivas. **Odisséia**, v. especial, p. 103-124, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/12903/9020>.
- ROSÁRIO, Ivo da Costa. **Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.
- ROSÁRIO, Ivo da Costa. Reflexões sobre o critério da (in)dependência no âmbito da integração de orações. **Línguas & Letras** (Online), v. 17, p. 252-272, 2016. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/12744/>
- ROSÁRIO, Ivo Costa; OLIVEIRA, Mariângela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa: Revista de Linguística** (UNESP. Online), v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>



ROSÁRIO, Ivo da Costa; PINTO, Myllena Paiva. Orações conformativas em foco: uma análise centrada no uso. **Línguas e instrumentos linguísticos**, Campinas – SP, v. 42, p. 175-201. jul/dez. 2018. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao42/artigo8.pdf>

ROSÁRIO, Ivo da Costa; SOUZA, Brenda Silva. Construções correlatas aditivas no século XVIII: uma análise sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Caderno Seminal Digital**, Rio de Janeiro – RJ, v. 1. n. 1, p. 133-173, jan/dez. 2018. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/32054/26434>

SWEETSER, Eve Eliot. Conjunction, coordination, subordination. *In*: SWEETSER, Eve Eliot. **From Etymology to Pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. Cambridge, Cambridge University Press, 1990, p. 76-112.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. **Approaches to Grammaticalization: Focus on Theoretical and Methodological Issues**. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford, Oxford University Press, 2013.